

FILOSOFANDO UM POUCO SOBRE O FARMACÊUTICO

*Jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista*



Luís Gautério Gallo

A onde vai o farmacêutico, em um mundo tão desigual, onde coexistem a mais avançada tecnologia e as trevas do atraso e da falta de perspectiva humana? Em um mundo onde, de um lado, se toma *cápsulas inteligentes* e, de um outro, não se tem acesso sequer a uma simples penicilina? Que visão o farmacêutico tem – e qual deve ter – de si próprio e deste mundo onde ele atua? Embora globalizado, o mundo fraciona-se em “guetos” de países pobres e ricos, de países que dão rigorosa e dos que dão pouca importância à saúde pública; daqueles que colocam a assistência farmacêutica no topo do eixo das prioridades governamentais e daqueles que a conceituam como “pouco importante”. O que pode esperar o farmacêutico, neste planeta de incertezas: se os países que atuam, com rigor, nas questões de vigilância sanitária vão vergar e agir com frouxidão, diante das pressões das poderosas indústrias farmacêuticas, caindo na tentação mercadológica que faz de farmácias mercearias e do medicamento um produto de consumo? Ou são os Países relapsos que endurecerão as suas vigilâncias? A PHARMACIA BRASILEIRA convidou o homem que preside uma das mais importantes entidades internacionais laborais a refletir sobre essas questões. Ele é o farmacêutico Luís Eduardo Gautério Gallo, gaúcho de Pelotas, presidente da UMPL (União Mundial das Profissões Liberais), uma entidade que reúne as organizações de profissionais liberais (entre elas está a de farmacêuticos), multiprofissionais de cada país e as entidades internacionais de cada profissão. Fica sediada em Paris, onde foi fundada. Gallo, que também preside a Confederação Nacional das Profissões Liberais (CNPL), com sede em Brasília, foi vice-presidente do Conselho Federal de Farmácia (1989 a 1991). Ajudou a organizar a Faculdade de Farmácia da Universidade Luterana do Brasil, em Canoas (RS), da qual foi professor. Com a visão internacional e a bagagem que tem do universo farmacêutico, Luís Gautério Gallo contribui, nesta entrevista à PHARMACIA BRASILEIRA, para o enriquecimento da compreensão do ser farmacêutico.



Gallo (ao microfone) preside a sessão inaugural do 3º Congresso da CNPL, realizado em Porto Alegre, de 13 a 15 de abril deste ano

PHARMACIA BRASILEIRA – O senhor poderia falar um pouco da CNPL – o que faz, os objetivos etc.?

Luís Gautério Gallo - A Confederação Nacional das Profissões Liberais (CNPL) é uma entidade multiprofissional, com 45 anos de existência e que tem como objetivo principal a representação sindical de todas as categorias de profissionais liberais do País, acompanhando as atividades das Federações e ela filiadas e de seus Sindicatos, dando-lhes assistência formal no desenvolvimento de questões de ordens técnico-cultural, política e social, de interesse das categorias representadas. Através de sua estrutura, em Brasília, sede da Confederação, representa os interesses e direitos dos profissionais liberais brasileiros perante as autoridades jurídicas, legislativas, governamentais e da sociedade como um todo. É um trabalho de forte cunho político, apoiado em ações administrativas que permitam o funcionamento da pirâmide sindicatos-federações-confederação.

PHARMACIA BRASILEIRA – A CNPL abriga os profissionais liberais do Brasil. É possível avaliar o nível de crescimento dos farmacêuticos - dos pontos de vista profissional (emprego/salário), do seu reconhecimento pela sociedade, de sua evolução técnica – tudo isso, em comparação com os demais profissionais liberais vinculados à Confederação? Comente a sua resposta, por favor.

Luís Gautério Gallo - Na condição

de Presidente da Confederação, tentarei dar uma resposta a esta questão, a partir de um ponto de vista multiprofissional, isto é, olhando a nossa profissão de fora para dentro. Para um farmacêutico não é fácil, mas deve-

mos admitir que no quesito “reconhecimento da sociedade” existem três categorias profissionais que aparecem, inegavelmente: médicos, advogados e engenheiros. Além de serem as mais numerosas, destacam-se por suas responsabilidades e atribuições e possuem forte penetração e representação política. O nível de crescimento e reconhecimento dos farmacêuticos está logo a seguir, junto com um grande número de outras atividades profissionais liberais, cada uma com a sua particularidade. Como os farmacêuticos têm a possibilidade, teórica, de um contato freqüente com a sociedade e os cidadãos e lidam com a saúde pública, com os medicamentos, com as análises clínicas, com alimentos, etc., poderão, em curto espaço de tempo, aumentar esta participação e este reconhecimento.

PHARMACIA BRASILEIRA – O farmacêutico teria perdido a sua substância profissional, a partir da Lei 5991/73, que criou a figura da drogaria. Seria, aí, o fosso que trago as suas perspectivas profissionais, entendendo que a drogaria, em mãos de leigos, passou, irresponsavelmente, a tratar o farmacêutico como um “vendedor” de luxo, levando à sociedade a idéia (falsa, diga-se de passagem) de que o farmacêutico e a orientação que ele presta são supérfluos ao estabelecimento. A mesma drogaria transformou-se em um estabelecimento comercial, mais sujeito às regras de mercado que às sanitárias. Dr. Gallo, pergunto-lhe: isso é uma verdade? O que o farmacêutico terá que fazer para resgatar o seu espaço?

Luís Gautério Gallo - Não acredito que a criação da atual drogaria tenha sido “o fosso que trago as perspectivas profissionais do farmacêutico”. Os farmacêuticos e os dirigentes de classe do início dos anos 70 sabem que a Lei 5.991/73 foi muito negociada, no Congresso Nacional, e trouxe consigo o último “provisionamento” que temos na profissão, além de refletir a correlação de forças existente, na época, desfavorável à categoria. A pressão da indústria farmacêutica, controlada pelo capital internacional, a introdução, no mercado, de um número exagerado de fórmulas farmacêuticas, o descaso com a prescrição de fórmulas magistrais, a derivação dos profissionais para outras áreas (em especial as análises clínicas), a falta de atendimento médico adequado à população, entre outras razões, criaram o cenário para o afastamento do farmacêutico da chamada “farmácia comercial” e a sua transformação em um estabelecimento mais sujeito às leis do mercado do que às leis sanitárias. Para resgatar este espaço, os farmacêuticos devem aproveitar-se dos fatos históricos (ocasionais ou não) do momento, como a falsificação de medicamentos, a Lei dos Genéricos, a CPI dos Medicamentos, no Congresso Nacional, as farmácias de prefeituras, a assistência farmacêutica dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), transformando-os em fatores positivos para o fortalecimento do papel do profissional à frente da farmácia, modificando o conceito da população em relação ao farmacêutico.

PHARMACIA BRASILEIRA – A CNPL faz alguma coisa para ajudar nesse resgate?

Luís Gautério Gallo - A CNPL vem participando, quando convidada ou convocada, das audiências públicas, no Congresso, que tratam dos assuntos da categoria dos farmacêuticos; tem acompanhado os debates em torno dos assuntos que estão na “ordem do dia” das entidades filiadas e vem dando espaço, em



seu jornal, para a divulgação das teses defendidas pela profissão. Temos também mobilizado entidades de outras profissões que concordam com estas teses e solicitado que se manifestem junto aos deputados e senadores para a aprovação de projetos do interesse da categoria.

PHARMACIA BRASILEIRA – A que o senhor atribui a pouca (ou nenhuma) importância dada pelo Governo à assistência prestada pelo farmacêutico? Aliás, não sei se estou enganado, mas o termo assistência farmacêutica vem sendo utilizado por autoridades de saúde para significar outra coisa - distribuição de medicamentos. Será que há algum propósito nisso?

Luís Gautério Gallo - O Governo não dá nem mais nem menos importância à assistência farmacêutica, do que a própria sociedade vinha dando. A introdução do termo “assistência farmacêutica” nas ações de saúde e no debate sobre este tema é, por si só, um fator positivo. Os farmacêuticos e as suas lideranças devem aproveitar esta situação, para buscar a verdadeira assistência que preconizam. Imaginar que a distribuição de medicamentos como arma política nas mãos de inescrupulosos vai acabar, como num passe de mágica, é não conhecer a realidade deste imenso País. Só a presença do profissional farmacêutico, em todas as fases do processo, virá,

gradativamente, melhorar a situação.

PHARMACIA BRASILEIRA – O que o senhor vislumbra para o futuro da profissão farmacêutica, no Brasil?

Luís Gautério Gallo - O número crescente de faculdades e escolas de Farmácia e o conseqüente aumento do número de profissionais que chegam ao mercado de trabalho vai

“Para resgatar o seu espaço, os farmacêuticos devem aproveitar-se dos fatos históricos (ocasionais ou não) do momento, como a falsificação de medicamentos, a Lei dos Genéricos, a CPI dos Medicamentos, no Congresso Nacional, as farmácias de prefeituras, a assistência farmacêutica dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), transformando-os em fatores positivos para o fortalecimento do papel do profissional à frente da farmácia, modificando o conceito da população em relação ao farmacêutico”.

acabar com o argumento de que faltam profissionais para todas as farmácias comerciais (sem entrar na discussão da existência de farmácias demais...). A feminilização da profissão é outro fator interessante. Elas serão 80 % dos profissionais em atividade, dentro de poucos anos, e há uma forte tendência de dedicação à manipulação de medicamentos e cosméticos, o que talvez contribua para a abertura de maior número de estabelecimentos deste tipo. A automação e a introdução de novas tecnologias, no campo das análises clínicas, está contribuindo para uma estabilização desta área como mercado de trabalho para o farmacêutico. Acredito que a conjugação destes fatores fará com que o farmacêutico retorne ao seu ninho original - as farmácias de dispensação e manipulação -, em contato com o paciente e cuidando do medicamento, que é a sua principal atribuição

e onde ele pode ser considerado imbatível.

PHARMACIA BRASILEIRA – Qual o desfecho que o senhor prevê para a questão das zonas de atrito que há entre a profissão farmacêutica e outras profissões da área de saúde? Está havendo invasão profissional? Por que isso ocorre?

Luís Gautério Gallo - Já chegou ao fim a era “diploma = emprego”. Caminhamos, agora, para a necessidade de constante aperfeiçoamento, pois os conhecimentos adquiridos, na Universidade, perdem o seu valor em cinco anos, aproximadamente. Os farmacêuticos (e os outros profissionais, também) precisam dominar a informática, falar mais de uma língua e aprender conhecimentos que vão além de sua própria formação, entrando no que era domínio de outras atividades e vice-versa. É o profissional polivalente. Como falar de invasão profissional neste novo espaço? Estamos atrasados na discussão do novo modelo de registro e controle profissional. A resposta a esta pergunta não pode ser dada, a partir das leis de regem as profissões, atualmente, pois foram feitas para um modelo que está totalmente superado no tempo. É um desafio para os dirigentes de classe!

PHARMACIA BRASILEIRA – O senhor poderia situar o farmacêutico brasileiro em relação ao farmacêutico de outros Países, em que pesem as questões profissionais, salariais, éticas etc.?

Luís Gautério Gallo - O modelo econômico que está sendo imposto pelas nações mais avançadas aos demais países do mundo inteiro termina por nivelar por baixo toda a atividade profissional. Assim, os exemplos de excelência de atuação na nossa profissão, que vinham de países do Terceiro Mundo e de vizi-



nhos próximos, terminaram. A propriedade da farmácia, a presença do farmacêutico, a inscrição obrigatória em órgão colegiado, a ação fiscalizadora permanente da vigilância sanitária, tudo isso desapareceu, em alguns países. Coincidência ou programa pré-estabelecido? Não estamos piores ou melhores. Estamos ficando todos iguais.

PHARMACIA BRASILEIRA – Existe o perigo de os Países do Primeiro Mundo vergarem, diante da pressão das indústrias farmacêuticas transnacionais, perdendo o rigor que eles mantêm sobre as questões farmacêuticas e se transformando em um Brasil, ou o Brasil é que vai evoluir, superando os interesses econômicos e se aproximando do Primeiro Mundo? Estão ocorrendo já uma certa frouxidão e várias concessões nas leis sanitárias, no Primeiro Mundo, por causa da pressão dos laboratórios? Como fica o farmacêutico, em meio a isso?

Luís Gautério Gallo – Numa sociedade democrática, o rigor da lei e a pressão da indústria farmacêutica (por exemplo) encontram um equilíbrio ditado pelo interesse da sociedade, com discussão e transparência. Estamos em condições de ter leis sanitárias modernas, compatíveis com o nosso estágio de desenvolvimento econômico? As indústrias farmacêuticas são as mesmas atuando em diversos países e aproveitando-se, aqui e ali, da frouxidão das leis e das autoridades (e eventualmente uma pitada de corrupção). Penso que nem o Brasil vai evoluir tanto, nem os países do chamado Primeiro Mundo

vão resistir por muito tempo às novas regras do mercado. Haverá concessão de ambas as partes, para que a economia siga em seu rumo normal.

PHARMACIA BRASILEIRA – É utopia achar que, no Brasil, teremos, brevemente, o farmacêutico ideal, ou esse resgate será trabalho de anos?

Luís Gautério Gallo – Primeiro, teríamos que definir o que é o “farmacêutico ideal”, e esta definição certamente vai variar muito, dependendo de quem fizermos a consulta. Imagino que estamos falando do profissional voltado única e exclusivamente para a dispensação farmacêutica, que esteja presente na sua própria farmácia ou numa farmácia hospitalar, que se dedique, em tempo integral, a esta atividade, que faça farmacovigilância e que tenha um compromisso com a ética e a saúde pública, evitando a automedicação irresponsável e combatendo a “empurroterapia”, atualizado técnica e cientificamente, ou

seja capacitado para o contato frequente com o paciente, expert em fisiologia e química farmacêutica, pelo menos. Se este pode ser um “farmacêutico ideal”, é utopia, no meu ponto de vista, encontrá-lo em todos os estabelecimentos farmacêuticos, nos próximos anos. Precisamos de muito tempo para preparar este terreno e atingir esta situação, caso comecemos agora mesmo.

PHARMACIA BRASILEIRA – Quem torce contra a assistência farmacêutica? Por que?

Luís Gautério Gallo – Todas as modificações encontram resistência. Quando pensamos em mudar o conceito de comércio farmacêutico para assistência farmacêutica, estamos mexendo nos interesses econômicos de um setor que movimenta bilhões de dólares, dominado quase que totalmente pelo capital estrangeiro, que pratica todas as formas de marketing e lobby para que as coisas continuem exatamente como estão. Laboratórios industriais farmacêuticos, empresários do comércio

atacadista e varejista de medicamentos, agências de publicidade, propagandistas-vendedores, importadores, cadeias de farmácias e até mesmo os trabalhadores, neste setor, sentem-se ameaçados pela possibilidade de mudança radical, nestes setores, no momento em que houver consciência de que a farmácia não é um comércio igual aos outros e que o medicamento precisaria sofrer um controle mais rigoroso. Talvez estes segmentos da nossa economia não “torçam” contra a assistência farmacêutica tal como a queremos, mas certamente resistirão, ao máximo, diante de qualquer modificação do atual quadro.

PHARMACIA BRASILEIRA – O que o farmacêutico pode esperar em um mundo tão desigual, mas, ao mesmo tempo, tão globalizado, que tem uma mão na mais avançada tecnologia e a outra nas trevas do atraso e da rudeza?

“Todas as modificações encontram resistência. Quando pensamos em mudar o conceito de comércio farmacêutico para assistência farmacêutica, estamos mexendo nos interesses econômicos de um setor que movimenta bilhões de dólares, dominado quase que totalmente pelo capital estrangeiro, que pratica todas as formas de marketing e lobby para que as coisas continuem exatamente como estão”.



Luís Gautério Gallo - *Esta desigualdade e a contradição da existência simultânea de alta tecnologia com métodos rudimentares não é privilégio dos farmacêuticos do Brasil ou do século 21. As sociedades, ao longo da história da civilização, sempre apresentaram desigualdades. O que nos choca, hoje, é a possibilidade de conviver com isto, de saber que há homens prontos para ir a Marte e homens ainda na Idade Média. Imagine o que pode pensar uma farmacêutica do Afeganistão, proibida de trabalhar, de sair às ruas, coberta da cabeça aos pés por um manto negro? O papel do farmacêutico e dos outros profissionais, também, é usar a profissão, o seu conhecimento e a sua cultura como arma para diminuir esta desigualdade, pregando a solidariedade e fazendo ver que a globalização só será benéfica, quando repartir riqueza e não distribuir miséria.*

PHARMACIA BRASILEIRA – Fale da UMPL (os objetivos etc.). Quantos farmacêuticos são cobertos pela entidade? Quantos farmacêuticos existem, no mundo?

Luís Gautério Gallo - *A União Mundial das Profissões Liberais, (UMPL) é uma entidade que reúne as organizações de profissionais liberais, multiprofissionais, portanto, de cada país e as entidades internacionais de cada profissão. Existe, há 12 anos, e sua sede é Paris, onde foi fundada. Nasceu da visão de alguns profissionais europeus, a partir da entidade nacional da França e de outras da Europa, que já atuavam em conjunto na comunidade européia. Seu primeiro presidente, reeleito duas vezes, foi um advogado francês, Alain Tynaire, a quem se deve toda a sua estruturação e desenvolvimento. Ocupamos, hoje, a sua presidência, eleitos em Congresso, aqui no Brasil, no*

Rio de Janeiro, em 1998, com o apoio da CNPL e de suas filiadas.

A principal atividade da UMPL é relacionar-se com os organismos internacionais (ONU, OIT, OMC, Unesco, OMPI, OMS, etc.), buscando informações e defendendo os interesses dos profissionais liberais. Realiza, também, um grande esforço, para levar a idéia da necessidade dos profissionais se organizarem em seus próprios países, através de eventos e palestras. Infelizmente, a FIP, a entidade internacional dos farmacêuticos, não está filiada à UMPL, apesar dos nossos esforços e contatos. Aliás, é uma característica das entidades dirigidas pelos anglo-saxões. Desta maneira, então, não temos informações numéricas sobre os farmacêuticos, em nível mundial.

PHARMACIA BRASILEIRA – A farmácia como propriedade do farmacêutico é uma maneira de garantir a assistência permanente e resgatar os seus aspectos sanitários?

Luís Gautério Gallo - *Não. A experiência tem demonstrado, como regra geral, que isto só não basta. O farmacêutico, proprietário de uma farmácia, no meio de uma dezena ou centena de estabelecimentos cujos proprietários são leigos, comerciantes, será obrigado a praticar os mesmos métodos comerciais, se quiser sobreviver. A propriedade da farmácia para o farmacêutico deve vir acompanhada de uma mudança na legislação (zoneamento, por exemplo), de um período de transi-*

ção e de convivência pacífica (respeitando os direitos adquiridos), de normas específicas para as chamadas redes, da aplicação e regulamentação da lei dos genéricos, de preparação do acadêmico, nas Uni-

versidades, para a propriedade e gerência (administração, marketing e muita, muita farmacologia) e de uma campanha institucional planejada, para ressaltar a diferença benéfica entre comércio e assistência farmacêutica.

PHARMACIA BRASILEIRA - A tendência, no mundo, é a de o farmacêutico aproximar-se mais da tecnologia, de fechar-se em um laboratório de pesquisa moderno, ou ele vai se voltar

para a sua própria origem, buscando a farmácia clínica, o contato com as pessoas etc.?

Luís Gautério Gallo - *Os laboratórios modernos de pesquisa usam equipes multidisciplinares, onde o que menos interessa é a graduação e o que vale é a capacidade de criação, exigindo-se formação que vai muito além do primeiro título universitário. Como são poucos os que têm esta capacidade de dedicação à pesquisa, a grande maioria dos profissionais volta-se imediatamente para o mercado de trabalho formal, buscando o seu próprio espaço e, para o farmacêutico, o seu lugar é a farmácia, a indústria farmacêutica, enfim o medicamento. O profissional farmacêutico, embora possa atuar em muitas áreas, deve ser permanentemente lembrado e preparado para dedicar-se ao campo em que é insubstituível: lidar com os medicamentos, auxiliar na cura das doenças e orientar os pacientes.*

“O papel do farmacêutico e dos outros profissionais, também, é usar a profissão, o seu conhecimento e a sua cultura como arma para diminuir esta desigualdade, pregando a solidariedade e fazendo ver que a globalização só será benéfica, quando repartir riqueza e não distribuir miséria”.